LEITURA E ESCRITA: O QUE DIZER DO DESEMPENHO DO ALUNO DE LETRAS NA APREENSÃO DO GÊNERO EDITORIAL?

Abuêndia Padilha PINTO - UFPE

0 Introdução

Uma vez que o editorial representa, um dos gêneros midiáticos mais complexos a serem apreendidos pelos alunos, decidimos explorá-lo no projeto “Os gêneros textuais e a comunicação humana”, que faz parte do NUCEPI-UFPE (Núcleo de Estudos em Compreensão e Produção Interlingüísticas) e que trata dos gêneros jornalísticos, sobretudo dos editoriais e das notícias. Centramo-nos no editorial, pois o mesmo apresenta características muito peculiares que o distinguem claramente de outros gêneros argumentativos. Nas colunas de opinião, por exemplo, o articulista pode usar verbos e pronomes pessoais de primeira pessoa, deixando, assim, marcada a autoria pessoal e a responsabilidade pelas opiniões emitidas.

O gênero editorial é, por sua vez, portador da voz e da opinião da empresa jornalística que o veicula. Nele não há o compromisso com a imparcialidade que tanto se exige da notícia. Esta, junto com as reportagens distribuídas ao longo dos diversos cadernos do jornal, oferece ao leitor um relato dos fatos de forma narrativa e expositiva. Se o leitor quiser, por sua vez, uma opinião de um especialista ou de uma pessoa respaldada pela posição ocupada na sociedade, ele tem à disposição os artigos e as colunas de opinião; mas, ao procurar conhecer a posição do jornal, ele deve se dirigir ao editorial.

Muitas vezes, os editoriais assumem posições mais brandas, procurando veicular um ponto de vista de modo diplomático, a fim de mostrar que não quer influenciar o leitor. Em outras ocasiões, todavia, esse espaço torna-se de grande valor em discussões muito polêmicas na sociedade sobre a qual o veículo jornalístico quer ter grande influência. Isso pôde ser comprovado recentemente, quando da ocasião do referendo sobre a proibição ou não do comércio de armas de fogo e munição, em que quase nenhum grande jornal deixou de aproveitar esse espaço institucional para opinar e defender um dos lados.

Tal caráter de atrelamento do editorial à visão da empresa jornalística já recebeu muitas críticas durante o século XX. Há uma corrente de estudiosos da mídia que acredita na morte do editorial. Nos Estados Unidos, várias classes de profissionais da imprensa concluíram, ao longo do tempo, que o público não deseja conhecer a opinião do jornal, mas formar a sua própria interpretação dos fatos divulgados pela imprensa.

Já os que defendem a linha editorialista contra-argumentam afirmando que os jornais que não encontram leitores para os seus editoriais são aqueles desprovidos de credibilidade.

Apesar dessas duas posições contrárias, não se pode deixar de reconhecer o importante papel desempenhado pelo editorial. Diante de tantas e diversificadas opiniões veiculadas veladamente na divulgação de notícias, muitas (ou quase todas) das quais estão intimamente ligadas a interesses políticos e econômicos, poder contar com a opinião abalizada de um órgão de imprensa respeitado é de suma importância para a sociedade.

A única maneira de firmar a importância desse artigo fica sendo, então, utilizá-lo como veículo de denúncia de interesses contrários à sociedade. Um veículo que funcione como espécie de sismógrafo a prever abalos futuros. Para um jornal que realmente tenha a intenção de exercer seu papel na sociedade, o editorial nunca poderá ser dispensado.

Com tudo o que foi exposto acima, parece ficar clara a relevância deste gênero para o uso em sala de aula. Vez que o editorial lida com idéias, argumentos e críticas, que melhor gênero para ensinar o aluno a exercitar seu raciocínio crítico e levá-lo a praticar técnicas de produção escrita?

Embora a imprensa televisiva tenha se apropriado do editorial para a emissão de sua opinião em alguns telejornais, o que se procura tratar aqui é primordialmente das características específicas do editorial impresso e de sua apreensão em sala de aula.

1. A Argumentação

A argumentação constitui parte fundamental de nossa vida cotidiana. É por meio dela que a maior parte daquilo que comunicamos chega aos nossos interlocutores. As seqüências lingüísticas que fazem parte da argumentação estão presentes em discussões com amigos, familiares, chefes, empregados e muitas outras pessoas com as quais temos de travar conversas a fim de resolver problemas cotidianos.

O ser humano, como ser dotado de razão e vontade, está a todo tempo avaliando, criticando, expressando apreço ou desprezo por atos e objetos; em suma, está sempre formando juízos de valor. Não só o homem forma imagens do mundo e as interpreta como boas ou más para si, como também procura interferir na opinião e atribuição de valor que os seus pares produzem com a finalidade de modificá-las. Nas palavras de Koch (1996:19) “*o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo.*” [ênfase da autora]

A importância da argumentação para o sucesso de nossa comunicação é tão grande que desde pequenos percebemos a necessidade de dominar algumas técnicas de persuasão, ainda que precárias, a fim de participarmos da vida social (mesmo que no caso de crianças a vida social seja entendida como puramente o ambiente familiar). Recentes investigações comprovaram que crianças pequenas já desenvolvem certas habilidades argumentativas quando têm de defender um ponto de vista sobre um assunto de seu interesse numa conversação.

Contudo, no ensino praticado nas escolas, os vários gêneros que apresentam seqüências argumentativas e que, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), estão inseridos no grupo de gêneros que argumentam, não são trabalhados de forma sistemática ou o são muito tardiamente, pois se pensa que produções argumentativas são muito complexas para os alunos. Com isto, perde-se não só a oportunidade de aproveitar os recursos já dominados pelos alunos, como a de trabalhá-los de forma a que estes adquiram uma ferramenta que lhes será bastante útil durante a vida inteira.

Trabalhar com o grupo de gêneros que argumentam é importante porque é a capacidade de argumentar que nos permite defender nossas opiniões perante outras e, acima de tudo, estar ciente das mensagens cifradas que nos chegam por meio de contextos que pretendem influir em nossa conduta.

A capacidade argumentativa possuída pelas crianças que entram na escola foi adquirida em contextos de comunicação cotidiana, porém, é necessário que a escola organize e sistematize esse pré-conhecimento, estabelecendo uma ponte entre as situações coloquiais, familiares, formais, etc. Possuir apenas uma capacidade argumentativa oral não implica dizer que a criança será capaz de produzir textos escritos de qualidade; por isso é que o trabalho com esse grupo de gêneros deve ser iniciado desde as séries mais primárias aumentando o nível de dificuldade à medida que a criança avança na escola.

As seqüências argumentativas aparecem em muitos gêneros textuais orais e escritos produzidos dentro e fora da escola. Por constituírem-se no domínio argumentativo, tais seqüências apresentam uma série de raciocínios lógicos acerca de um ou mais problemas, com a finalidade de convencer o leitor de idéias ou crenças possuídas pelo autor.

1.2. Propriedades da argumentação no editorial

No editorial, o autor procura seguir uma linha de raciocínio sobre o tema que ele vai tratar, o qual pode conter um ou mais problemas a serem debatidos. Sua intenção é que o leitor

participe de sua argumentação aceitando e avaliando suas idéias. Dessa forma, o leitor do editorial não é meramente um atuante passivo na leitura, mas sim um integrante fundamental na sua interpretação, vez que interage com o autor de forma dialógica. É a partir da tentativa de convencer o leitor de sua posição que o editorialista constrói sua argumentação ao redor do ponto de vista principal do editorial – a tese.

Basicamente falando, o editorial apresenta uma estrutura dissertativa fácil de ser apreendida, qual seja:

- Título: contendo a informação que introduz o assunto.
- Apresentação sucinta do(s) fato(s), com possível inclusão de uma abordagem histórica;
- Desenvolvimento: avaliação e defesa de argumentos e contra-argumentos necessários à discussão do assunto;
- Conclusão pragmática com a exposição do ponto de vista adotado pela editoria (jornal).

Como se deduz do exposto, o editorial apresenta uma estrutura argumentativa formada pela Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. A tese vem normalmente expressa no título, na introdução e na conclusão do texto. Contudo, não é obrigatória essa estrutura fixa, ou seja, o ponto de vista pode estar subentendido, a conclusão implícita. O tema, por sua vez, pode estar identificado no título e a conclusão pode exigir inferência por parte do leitor.

As características estruturais dos editoriais, por sua vez, são as seguintes:

- Vocabulário objetivo e preciso;
- Frases curtas e sem muita complexidade, sem, no entanto, implicar uma leitura simplificada, pois os articuladores discursivos garantem o rigor lógico da argumentação e o encadeamento das idéias. Em alguns casos, um parágrafo inteiro pode coincidir com um simples período composto de duas orações;
- Verbos no presente do indicativo;
- Uso de adjetivos e advérbios modais.

No grupo de gêneros que argumentam, como os editoriais, não é tanto a estrutura superficial, o modo como as orações são encadeadas, que conta para o sucesso do gênero em termos de persuasão, mas sim as estratégias discursivas usadas pelo editorialista para convencer o leitor. Entre estas estratégias estariam as que apelam para a razão e as que apelam para a sensibilidade.(Perelman, 2001)

Razão	Sensibilidade
☐ Predomínio da objetividade ☐ Fonte de autoridade (recorrência a uma personalidade famosa, a uma opinião de especialista, a dados estatísticos, a testemunhos confiáveis).	☐ Ênfase na subjetividade ☐ Apelo ao emocional por meio de ironias, insinuações, conseqüências indesejadas, promessas, etc.)

Para pôr em prática essas estratégias, o autor do editorial, ou de outros gêneros contidos no grupo de gêneros que argumentam, se utiliza de organizadores textuais lógico-argumentativos. Esses organizadores são os responsáveis por expressar e encadear os raciocínios lógicos, pois põem em evidência a função da estratégia empregada – seja a que apela para a razão, seja a que apela para a sensibilidade. Koch (1996) apresenta uma série de operadores responsáveis por organizar os enunciados de forma mais forte ou mais fraca, criando assim uma espécie de hierarquia.

Segundo a autora, a língua dispõe de mecanismos para indicar a orientação

argumentativa, quais sejam: as marcas lingüísticas da enunciação ou da argumentação (os operadores argumentativos, os marcadores de pressuposição, os indicadores modais ou índices de modalidade, os indicadores atitudinais, os tempos verbais, os índices de polifonia, entre outros).

Junto com os operadores lógico-argumentativos, têm fundamental importância também os modalizadores, representados por advérbios, adjetivos qualificativos e certos verbos. Os modalizadores marcam a subjetividade daquele que enuncia e determina o *modo como aquilo que se diz é dito*. Ao produzir um texto, o escritor transmite suas intenções e sua atitude diante dos enunciados que produz através de atos ilocucionários de modalização sucessivos. (Koch, 1996). Estes se atualizam por meio dos diversos modos de lexicalização que a língua oferece (operadores modais). Entre os tipos de lexicalização possíveis das modalidades, Koch (1996:87) elenca os seguintes:

- Performativos explícitos: *eu ordeno, eu proíbo, eu permito, etc.*
- Auxiliares modais: *poder, dever, querer, precisar, etc.*
- Predicados cristalizados: *é certo, é preciso, é necessário, é provável, etc.*
- Advérbios modalizadores: *provavelmente, certamente, necessariamente, etc.*
- Formas verbais perifrásticas: *dever, querer, poder + infinitivo.*
- Modos e tempos verbais: *imperativo, certos empregos de subjuntivo, uso de futuro do pretérito com valor de probabilidade, hipótese, notícia não confirmada, uso de imperfeito do indicativo com valor de irrealidade, etc.*
- Verbos de atitude proposicional: *eu creio, eu sei, eu duvido, eu acho, etc.*
- Entonação: *a qual permite distinguir uma ordem de um pedido na linguagem oral, por exemplo.*
- Operadores argumentativos: *pouco, um pouco, quase, apenas, mesmo, etc.*

1.3. Metodologia

Com o intuito de pôr em prática uma série de atividades pensadas para testar o trabalho com editoriais para a aprendizagem da argumentação escrita em sala de aula realizamos duas oficinas, que contaram com a participação de seis alunos do curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, todos cursando o sexto período. Na primeira, procuramos conhecer a realidade dos sujeitos da pesquisa, ou seja, ver até que ponto estavam inteirados com o gênero, o que pensavam dele, das suas características, entre outras questões. Para tornar isso possível e, antes de qualquer explanação do assunto, solicitamos ao grupo que respondesse a um mini-questionário com perguntas que serão apreciadas ao longo de nossa análise, com o intuito de melhor avaliar o conhecimento sobre o gênero em estudo e compará-lo com o que seria apreendido no decorrer das oficinas. Ainda nessa primeira fase apresentamos algumas características da argumentação, da noção de editorial, enfocamos a diferenciação entre o editorial e gêneros similares como o artigo de opinião (cf. item 1.2) e aplicamos o mesmo mini-questionário no final. As respostas dos sujeitos serão objetos de discussão mais a seguir. Ainda nesta primeira fase foi solicitado aos participantes que redigissem um editorial com base em tudo o que tinham aprendido sobre aquele gênero durante as três horas de duração da oficina. A fim de lhes dar mais subsídios para as suas produções, foram entregues várias notícias retiradas de veículos jornalísticos com o propósito de oferecer conteúdo para produzir seu editorial. A demanda por esta redação deveu-se ao fato de estarem previstas algumas atividades a serem seguidas na segunda oficina.

Nesta última, buscamos avaliar o quanto havia sido absorvido pelos sujeitos na participação da primeira oficina e identificar, em suas produções, o quanto tinha sido apreendido. Assim, com esta primeira facção em mãos pudemos colocar em prática a segunda oficina, ocorrida duas semanas depois da primeira e com a mesma carga horária, três horas.

Ressalta-se aqui que, como será explicado na análise das respostas ao primeiro mini-questionário, muitos não tinham uma noção clara sobre o gênero. Contudo, a produção do grupo após esse primeiro contato com o editorial e suas características revelou uma aprendizagem muito eficaz, o que nos deixou bastante satisfeitos vez que mostrou que estratégias de ensino com as que pusemos em prática realmente os ajudaram na aprendizagem do gênero.

A segunda oficina, que por limitações de espaço não será discutida neste artigo, teve como objetivo aprofundar os tópicos vistos na primeira. Uma vez que tínhamos em mãos a primeira produção dos participantes, tentamos identificar que aspectos ainda careciam de maior aprofundamento e preparamos módulos especiais para o esclarecimento das possíveis dúvidas. Nesta última oficina, após a parte teórica inicial, entregamos os editoriais dos alunos sem a identificação do autor aos seus colegas, para que lessem criticamente a produção de seus pares e ressaltassem as possíveis falhas, levando em conta o que tinham acumulado de conhecimento sobre o gênero. Os alunos, na função de leitores-críticos, anotaram seus comentários numa folha à parte e devolveram os editoriais e suas críticas aos respectivos autores a fim de que eles re-escrissem o texto seguindo ou não as orientações dos colegas. Neste momento os autores já teriam o conhecimento adquirido não só da primeira como do início da segunda oficina, acrescido do esclarecimento de dúvidas que eles não anteciparam durante a primeira redação. Também teriam o ponto de vista dos colegas. Munidos de todas estas ferramentas, puderam então re-escrever seus editoriais.

1.4. Discussão dos Resultados

Vejamos, a seguir, as respostas dos alunos ao mini-questionário inicial, a fim de melhor apreciar suas noções a respeito de gênero editorial e compará-las com o que seria aprendido no decorrer da oficina. As perguntas foram as seguintes:

1. Para você o que é o editorial e qual a sua função na sociedade?
2. O que você considera ser a característica principal do editorial?

Para fins de organização metodológica usaremos as seguintes siglas para nos referir aos participantes: AC, GV, IM, R1, R2, R3, cujas respostas à primeira questão foram as seguintes:

AC: *“Seria(sic) as diretrizes de um jornal ou revista, seria o que você vai ler na revista ou jornal, como se fosse a apresentação dos temas levantados para a construção da revista/jornal. Teria como função dar uma breve noção dos assuntos que seriam posteriormente aprofundados, também constariam as pessoas/responsáveis pelas imagens, pesquisas, etc.*”

GV: *“É a parte de um jornal ou revista responsável pela qualidade do que é publicado. Seria a parte crítica.”*

IM: *“Não sei o que é um editorial mas imagino que está relacionado a notícias, reportagens.”*

R1: *“Dúvidas:*

- 1 – *O que é um editorial?*
- 2 – *O que caracteriza este gênero?*
- 3 – *Como identificá-lo?*

R2: *“Eu acho que é o texto introdutório ou de apresentação de uma revista, um jornal, um website, etc. Não faço idéia de qual é a função do editorial na sociedade, se for o que eu penso é justamente a parte do jornal ou revista que eu nunca leio.”*

R3: *“O editorial é um gênero textual encontrado em jornais. Não sei se pode ser feito em revistas, mas se puder não me causa estranheza devido ao fato do editorial, ser para mim, um espaço de veiculação de idéias daqueles que representam o suporte em questão, seja ele um jornal, uma revista, um almanaque, etc.”*

Vemos na resposta à pergunta 1 que AC tinha até então uma noção equivocada sobre a função do editorial. Para a participante, a noção de editorial dizia respeito à seção do jornal ou revista que na verdade se conhece por Carta ao Leitor, ou Carta do Editor, o que não implica necessariamente em um editorial. Já para GV, o entendimento do que é um editorial equivaleria ao que de fato é a função do *ombudsman* ou ouvidor do jornal. As funções que ela descreve como sendo do editorial são na verdade de outra seção do veículo jornalístico. A participante IM tem uma idéia muito vaga e não expressa com segurança aquilo que acredita ser o editorial. Já a resposta dada por R1 foi a mais curiosa. A mesma não fazia idéia sobre o gênero prestes a ser trabalhado e ao invés de oferecer qualquer resposta sobre o que pensava ser o editorial, decidiu expor seus questionamentos na forma de indagações. R2 demonstrou um conhecimento diferente do que se esperava, pois confundiu a função do editorial com a da apresentação da revista. De fato, muitas publicações nomeiam inapropriadamente tais seções de editorial embora as mesmas não correspondam de fato à função real deste gênero. Por último, R3 foi a participante que mais tinha conhecimentos prévios sobre o gênero. Isto pode ser confirmado pela resposta oferecida e também por comparação ao que ela respondeu na segunda entrega do mini-questionário, provando que a oficina foi bastante proveitosa.

No que tange à segunda pergunta a respeito da característica principal do editorial obtivemos o seguinte:

AC: *“Introduzir, chamar atenção do público, apresentar temas atuais...”*

GV: *“Um gênero impessoal, imparcial, capaz de avaliar a qualidade do que está sendo apresentado”*

IM: *“A mensagem é direta, sem rodeios.”*

R1: *“Não sei qual é a característica principal do editorial.”*

R2: *“Sinceramente não faço idéia”*

R3: *“Se o que eu penso sobre o gênero está correio é o fato dele estar diretamente ligado às idéias, opiniões da pessoa que organiza, que digamos “dá a cara” do jornal”*

Verifica-se que na segunda pergunta, AC reitera o que havia respondido na primeira. Vez que o que ela entendia como editorial não era o que realmente o gênero representa, sua idéia de qual seria a principal característica deste gênero também se mostrou equivocada. Também na segunda pergunta a participante GV entende como sendo a principal função a avaliação do conteúdo veiculado no jornal. Característica essa, como já dito, pertencente ao *ombudsman*. Na segunda resposta, IM acerta alguns aspectos, mas como na primeira ela não estava segura, podemos presumir que foi por acaso. Como era de esperar, os participantes R1 e R2 não faziam idéia de qual poderia ser a principal característica de um gênero que desconheciam. Na resposta à segunda pergunta, R3 revela conhecimentos adequados ao assunto, apesar do modo de organização da resposta estar um tanto truncado.

O mesmo mini-questionário foi entregue ao final da primeira oficina e as respostas dadas pelos participantes mostram o quão eficaz foram as atividades projetadas para o trabalho com o editorial. Isso confirmou nossas expectativas de que o tipo de atividade que pusemos em

prática pode ser aplicado num contexto escolar com ótimos resultados. Embora nossa experiência tenha sido executada num espaço curto e condensado de tempo, acreditamos ser possível e quiçá mais eficaz, executá-la num período mais longo, em que os participantes sejam expostos a mais exemplares de gêneros que argumentam e trabalham de forma mais descontraída. Pelas respostas à primeira pergunta, ilustradas abaixo, pode-se notar claramente o avanço que eles tiveram ao reconhecer dali em diante as principais características do editorial.

AC: *"É um gênero argumentativo que tenta convencer seu público alvo de determinada idéia no qual acredita."*

GV: *"É feito com ponto de vista institucional, impessoal, sua função é tentar ser imparcial, apesar de representar a política ideológica da instituição que publica."*

IM: *"É um gênero textual que expressa de forma impessoal a opinião de um jornal ou revista, sobre um determinado acontecimento."*

R1: *"O editorial é a opinião expressa do jornal/instituição. Sua função social é transmitir a posição do "suporte" p/a sociedade formando assim, a opinião geral"*

R2: *"Uma forma de trazer a público a opinião de um jornal ou revista, deixando claro (sic) a posição da instituição sobre determinado assunto. A função de um formador de opinião."*

R3: *"Editorial é um gênero textual cujo tipo textual dominante é a argumentação. Ele é produzido pelo Editor do Jornal e representa a idéia mais coerente com a ideologia da empresa. O editorial é o espaço reservado explicitamente para a..."*

Vemos claramente que a participante AC absorveu muito bem o conteúdo apresentado na oficina e reorganizou na sua mente o que entendia por editorial acrescentando conhecimentos novos que puderam ser comprovados com as respostas à mesma pergunta, dadas em momentos diferentes. Os outros participantes também demonstraram ótimos resultados como pode ser contrastado com as respectivas respostas do início e do final da oficina. Contudo, o resultado mais animador foi o da participante R1, que desconhecia totalmente o gênero e após a oficina, apreendeu muito bem os conteúdos transmitidos durante a realização da mesma.

A segunda pergunta representa apenas um complemento da informação dada na primeira. Também aqui os alunos expressaram sua visão sobre a principal característica do editorial.

AC: *"A argumentação objetiva, o caminho para justificar determinado ponto de vista."*

GV: *"Passa as informações de forma impessoal."*

IM: *"Apresentação da opinião, embasada em fatos, de forma impessoal"*

R1: *"Linguagem direta, objetiva e racional."*

R2: *"Um posicionamento claro sobre determinado assunto e uma argumentação objetiva."*

Verifica-se que, nessa segunda resposta todos os participantes foram bem objetivos ao identificar a principal característica do editorial.

Após a exposição teórica a respeito das propriedades argumentativas do editorial e de sua comparação com o artigo de opinião, procedemos a uma aplicação prática. A tarefa consistiu na leitura de editoriais recolhidos aleatoriamente de jornais brasileiros e entregues aos

participantes para que esses lessem e respondessem a quatro perguntas.

Os editoriais foram os seguintes:

“O Quebra-mar”, *Diário de Pernambuco*, 9/2/6, (AC)
 “Esperança Energética”, *Folha de São Paulo*, 1/7/5 (GV)
 “Estado e Religião”, *Folha de São Paulo*, 30/6/5 (IM)
 “A Agenda da CNI”, *Diário de Pernambuco*, 8/2/6 (R1)
 “Imitando o Brasil”, *Diário de Pernambuco*, 7/2/6 (R2)
 “Violência Sexual”, *Folha de São Paulo*, 20/6/5 (R3)

Após a leitura dos respectivos exemplares, os participantes responderam às seguintes perguntas:

1. Observe o editorial. Que ponto o autor procura defender?
2. Onde se encontra a tese, na introdução, no desenvolvimento ou na conclusão?
3. A tese está evidente ou precisa ser inferida?
4. De que recursos o autor lançou mão para construir sua argumentação? Ele apela para a razão, para um discurso objetivo em que apresenta fatos e exemplos concretos, ou para a sensibilidade, fazendo usos de ironias, insinuações, com ênfase na subjetividade?

Vejamos, inicialmente, quais as respostas à primeira pergunta:

1. “A dificuldade de liberação de verba para a execução de obras públicas, acarretando dessa forma muitas vezes a interrupção de obras já iniciadas, no editorial refere-se as muralhas de proteção da orla marítima.” **AC**
1. “O autor defende a construção do Iter como um projeto que poderá trazer benefícios para humanidade porque seria capaz de resolver o problema energético.” **GV**
1. “Procura defender o bom senso no julgamento de questões que relacionam religião e Estado.” **IM**
1. “O autor defende a tese da necessidade da criação de uma legislação que simplifique o registro e a legalização de empresas e negócios (“abrindo as portas p/ o mercado formal”) **R1**
1. “O autor defende o ponto de que o Brasil deve investir em combustíveis alternativos, de modo a garantir uma posição de liderança nesse meio. **R2**
1. “O autor procura defender como um sistema policial e jurídico deficiente dificulta a resolução de problemas relacionados à violência sexual” **R3**

Nesta primeira pergunta, quisemos saber se os participantes conseguiam identificar corretamente as teses veiculadas nos respectivos editoriais que tinham lido. Cada pergunta foi elaborada de forma a construir gradativamente uma consciência discursiva, a fim de que quando fossem requisitados a escrever seu próprio editorial, pudessem lançar mão dos recursos estudados e analisados pelos próprios participantes em produções alheias. Todos foram capazes de identificar corretamente a tese sobre a qual se baseava a argumentação do editorial. Também buscaram identificar em que movimento retórico a mesma se encontrava, como apresentamos abaixo.

2. “No desenvolvimento.” **AC**
2. “A tese que o autor defende são os benefícios que a construção do Reator

Internacional Termonuclear Experimental pode trazer. Essa tese está na introdução, é argumentada no desenvolvimento e retomada na conclusão quando inferimos que ‘os primeiros passos para que as próximas gerações tenham chance de desfrutar de uma fonte de energia mais limpa e barata do que a que hoje utilizamos’ implica a construção do Iter. GV

2. *“Na conclusão.” IM*
2. *“Encontra-se na conclusão” R1*
2. *“Na conclusão” R2*
2. *“Primeiramente no desenvolvimento, mas também aparece na conclusão” R3*

Embora possa parecer óbvia, a pergunta acima disse respeito à localização da tese no decorrer do texto. Em editoriais, a tese pode vir em qualquer trecho, aparecer reiterada em várias partes ou simplesmente estar subentendida. Os participantes mais uma vez apontaram corretamente o trecho em que a mesma se localizava. A participante GV apresenta os trechos em que a tese do editorial que leu está localizada e oferece citações para embasar sua resposta. Vejamos, em seguida, se o grupo reconheceu se a tese estava implícita ou explícita.

3. *“A tese apresenta-se clara, com as devidas inferências” AC*
3. *“A tese está evidente” GV*
3. *“Está evidente e clara.” IM*
3. *“A tese está evidente” R1*
3. *“É evidente quando se chega ao fim do texto, mas não antes” R2*
3. *“Quando o autor diz “essas conclusões não chegam a constituir novidade no debate sobre o tema”, já prepara o leitor para saber qual a tese que ele defende. Está evidente.” R3*

A terceira questão procurou analisar o grau de percepção dos participantes ao inferirem a tese. Eles tiveram que procurar subsídios textuais para dizer se a tese de seus editoriais estava evidente ou implícita. A aparente simplicidade desta pergunta também estava imbuída de uma intenção mais profunda. Saber se uma tese está evidente ou implícita implica saber se o texto foi construído de forma objetiva, como geralmente o são os editoriais do jornal *Folha de São Paulo*, ou se o estilo particular do jornal é oferecer um texto mais floreado, como acontece com o jornal *Diário de Pernambuco*. Essa pergunta foi respondida corretamente por todos e levava à última questão: O texto apresentava estratégias de apelo à razão (objetivo, tese evidente), ou à emoção (subjetivo, tese implícita)?

4. *“Alguma ironia, fatos concretos (já ocorridos), observei pouca subjetividade no texto, pra ser mais precisa, o texto é bastante objetivo, pouco transparece a opinião do autor, por tratar-se de um editorial sequer consta a assinatura do autor.” AC*
4. *“Ele usa um discurso objetivo no 2º,3º,4º parágrafos, mostrando os benefícios, apresentando fatos e exemplos concretos” GV*
4. *“No início ele mostra o fato e segue descrevendo a situação mostrando os dois lados e suas razões. Em seguida ele, com base nesses fatos, conclui dando sua opinião.” IM*
4. *“O autor utiliza um discurso objetivo fundado na razão” R1*
4. *“Ele constrói a argumentação com base em fatos e exemplos concretos” R2*
4. *“Ele inicia o texto lançando mão de dados de uma pesquisa. Assegurando a veracidade das conclusões desta, ele afirma que, além destes motivos, ele também defende outro motivo: a sua tese. Ele apresenta fatos e exemplos concretos, utilizando-os como forma de corroborar sua tese” R3*

Na última questão, a participante AC falhou em interpretar corretamente o uso de estratégias argumentativas feito pelo autor do editorial que a mesma recebeu para analisar. O editorial “O Quebra Mar” apresenta traços irônicos, como apontou a participante, mas não é

"bastante objetivo" como esta ressaltou. O estilo particular do autor, embora este não seja um gênero apropriado para o editorialista se fazer conhecer por seu estilo, transpareceu bastante na redação. Ele faz uso de vocábulos eruditos e orações rebuscadas e razoavelmente longas, o que não é marca do editorial, que é um texto mais direto e conciso. A opinião do autor transparece, sim, nas insinuações e críticas que este faz às ações tomadas para prevenir desastres como o relatado em seu texto. Isso não quer dizer que ele esteja falando como voz independente, mas sim sendo porta-voz do veículo que transmite seu texto. Assim, analisamos que a participante se fixou muito na idéia de que a voz do autor tem que ser impessoal e procurou enformar o texto, ao invés de procurar no mesmo que traços mostrassem que a composição era um editorial. Os outros participantes souberam analisar as estratégias argumentativas e alguns, como IM ofereceram citações para embasar sua resposta.

Após responderem às questões acima, foi solicitado aos participantes, como tarefa final, que redigissem um editorial com base em um tema proveniente de notícias jornalísticas e em tudo o que tinham aprendido sobre esse gênero. Essa última tarefa, foco central da segunda oficina que, por limites de espaço, como já afirmamos acima, não será explicitada nesse artigo, objetivou avaliar, na produção do grupo, o quanto havia sido absorvido por cada aluno a respeito das técnicas de argumentação e das características do editorial.

Conclusão

Em nossas considerações finais reiteramos que a argumentação é uma das habilidades essenciais na vida do ser humano, que precisa apreendê-la e conscientizar-se de sua importância nas suas reivindicações. Não significa, contudo, que se trate apenas da argumentação oral que, como já vimos, está presente na nossa interação diária sendo, inclusive, utilizada por crianças menores quando se comunicam no seu dia a dia com pais, tios, irmãos, colegas e professores. Trata-se de apreender seu uso em gêneros textuais escritos, uma vez que escrevemos cartas, mandamos e-mails, fazemos relatórios e nos utilizamos de outros gêneros para comunicar algo ou convencer o outro a respeito de nossos pontos de vista.

O trabalho com o editorial é uma boa maneira de expor os alunos a gêneros pertencentes a sua realidade, pois são de fácil acesso – estão em qualquer jornal – e tratam de assuntos do dia a dia. Além do mais, são relativamente curtos e sua construção global é bastante clara. O estudo, que constou de uma fundamentação teórica e de um aspecto prático a respeito da produção de um editorial, serviu para mostrar a aplicabilidade e o sucesso do ensino da argumentação em sala de aula.

Referência

- ALVES FILHO, Francisco. **A Autoria nas Colunas de Opinião Assinadas da Folha de São Paulo**. Tese de Doutorado em Lingüística. UNICAMP, Campinas. 2005
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC 1999
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano**.
- MACHADO, Anna Rachel e MATÊNCIO, Maria de Lourdes M (orgs). Campinas, S Paulo: Mercado de Letras. 2006
- KOCH, Ingedore **Argumentação e Linguagem**. S. Paulo: Contexto. 1996
- PERELMAN, Flora Textos Argumentativos : su producción en el aula. In: **Lectura Y Vida** Año 22 junio. 2001
- SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Campinas, S Paulo: Mercado de Letras 2004